

Braund, Susanna; Torlone, Zara Martirosova (Ed.). *Virgil and his Translators*. New York: Oxford University Press, 2018, 544 p.

Edna C. Silva¹

¹Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Virgil and his Translators é uma publicação da prestigiada Oxford University Press. Lançado em 2018, o livro reúne um vasto conjunto de traduções virgilianas de diversas partes do mundo. De caráter atemporal, as obras de Virgílio começaram a ganhar traduções mesmo antes do invento da imprensa, e continuam sendo fonte constante de novas versões tradutórias e estudos. *Virgil and his Translators* é um compêndio que engloba diferentes traduções da obra poética do autor romano, reiterando a importância da herança virgiliana para a literatura mundial. Composta por vinte e oito capítulos, a coletânea foi organizada por Susanna Braund, professora de Poesia Latina e sua Recepção na Universidade da Colúmbia Britânica (CAN), e Zara Martirosova Torlone, professora no Departamento de Clássicos na Miami University (EUA). Renomadas estudiosas do legado virgiliano e dos clássicos, as autoras ressaltam na Introdução da obra que os Estudos da Tradução ocupam atualmente um lugar de destaque. Uma vez que a história da tradução de Virgílio se mistura ao nacionalismo emergente em inúmeras culturas, nada é mais pertinente que reunir reflexões que representem essa vasta esfera de estudos e de culturas dominantes e em ascensão.

A obra é dividida em dois eixos temáticos. A primeira parte, *Virgil Translation as Cultural and Ideological Capital*, é composta



por quinze capítulos referentes a aspectos culturais e ideológicos de traduções de Virgílio, compreendendo trabalhos que abordam especialmente o papel de tais traduções em culturas nacionais. A segunda parte, *Poets as Translators of Virgil: Cultural Competition, Appropriation, and Identification*, é composta por treze capítulos e tratam de questões de apropriação e identificação cultural, discorrendo sobre a busca de inspiração ou legitimação de cânones literários nacionais através da poesia virgiliana. Embora haja uma grande representatividade de culturas predominantemente europeias, o volume contém estudos realizados também por culturas periféricas, contribuindo para a difusão de estudos fora do eixo cultural dominante. Vale ressaltar que a maioria dos capítulos foram produzidos para colóquios relacionados às traduções de Virgílio realizados entre 2012 e 2014, enquanto outros foram escritos para o presente volume. Os capítulos seguem uma progressão quase sempre cronológica, e apresentam panoramas por vezes diacrônicos (Kallendorf; Keith; Braden), ou transculturais (Richard H. Armstrong; Papaioannou), tratando também de outras vertentes como a teoria e a prática da tradução em contextos europeus e periféricos (Marinčič; Skoie; Jinyu Liu).

Dando início à primeira parte, o capítulo *Successes and Failures in Virgilian Translation* de Craig Kallendorf trata de traduções virgilianas anteriores a 1850. O autor restringe sua análise a traduções francesas e discute as nuances de êxito e malogro destas, sem, no entanto, adentrar na crítica às suas qualidades literárias. Kallendorf procura discutir o caráter antagonico entre traduções de Virgílio no cenário francês, considerando elementos ideológicos, políticos que influenciaram positivamente ou negativamente a repercussão de cada tradução. Ele fundamenta sua discussão em traduções da *Eneida*, das *Geórgicas* e das *Éclogas*, refletindo acerca da longevidade de tais traduções, e questionando ainda se toda tradução estaria sumariamente fadada ao esquecimento, uma vez que surgem constantemente novas traduções para competir ou substituir as an-

teriores. Seu trabalho dialoga fortemente com o debate de Torlone (capítulo 22) acerca dos fracassos na tradução.

No ensaio intitulado *Dante's Influence on Virgil: Italian vulgarizamenti and Enrique de Villena's Eneida of 1428*, Richard H. Armstrong discute a influência e repercussão da emulação de Virgílio por Dante na sua *Divina Comédia*. O autor evidencia a importância de Dante na consolidação de Virgílio enquanto autor. Para isso, Armstrong traz à luz a tradução de Enrique de Villena da *Eneida* e discute a vernacularização de Virgílio por intermédio de Dante. Villena se opõe a qualquer tentativa de vernacularização por meio de simplificações do texto original, e sob circunstâncias peculiares, ele se propõe a apresentar um Virgílio mais prosaico e distante da intervenção danteana, com o intuito de distinguir os dois poetas.

Em *Epic and the Lexicon of Violence: Gregorio Hernández de Velasco's Translation of Aeneid 2 and Cervantes's Numancia*, Stephen Rupp argumenta sobre o léxico fornecido pelo gênero épico para tratar de estratégias e violência na guerra através da tradução de Velasco (*Eneida 2*) e a obra de Cervantes (*La Numancia*). Rupp argumenta que o vocabulário é um elemento bastante revelador na tradução, evidenciando a relevância da escolha de léxico na inferência de disposições emocionais, sentimento de perda em decorrência da guerra e outros artifícios de grande valia para a persuasão de personagens e eventos. O autor defende ainda que tais elementos, uma vez incorporados ao campo semântico da épica, servem de estratégias que reforçam as construções do gênero. Ampliando a temática da guerra na épica virgiliana, em *Love and War: Translations of Aeneid 7 into English (from Caxton until Today)* Alison Keith trata das traduções da *Eneida 7* ao longo dos séculos, delineando seu percurso por traduções de destaque da narrativa como a de Dryden (1697) e Fitzgerald (1983). A autora encerra seu repertório analítico com duas traduções de autoria feminina, a de Sarah Ruden (2008), primeira tradução completa do poema virgiliano desenvolvida por uma mulher, e a de Patricia A. Johns-

ton (2012). Keith parte da narrativa da mulher e da guerra nessas traduções para desenvolver seu instigante debate, explorando ainda a recepção de gênero na *Eneida* virgiliana. Fugindo da notória figura de Dido, ela decide traçar seu estudo a partir da inexplicita Lavínia, construindo sua análise com base nas escolhas lexicais adotadas em cada tradução e suas nuances semânticas. De Thomas Phaer (1558) a Johnston (2012), Keith examina as evocações de Lavínia enquanto mulher em um poema cuja narrativa é dominada por elementos bélicos e masculinos, evidenciando as diferentes perspectivas dos tradutores de Virgílio no decorrer dos séculos, marcadas por escolhas individuais e suspensas em um processo interpretativo a depender de seus leitores.

No quinto capítulo, Gordon Braden dá seguimento à discussão com o ensaio *The Passion of Dido: Aeneid 4 in English Translation to 1700*. Ele discorre sobre as tradições alegóricas e representações ligadas à figura de Dido e seu relacionamento conturbado com o herói virgiliano. Braden destaca o caráter heterogêneo da tradução de Dryden (1697) em que ele confere à rainha de Cartago nuances por vezes divergentes daquelas apresentadas por outros tradutores. Partindo da figura feminina enquanto objeto de tradução para a mulher na qualidade de tradutora, em *An Amazon in the Renaissance: Marie de Gournay's Translation of Aeneid 2* Fiona Cox discute a tradução de Marie de Gournay da *Eneida 2* e sua relevância no cenário social e literário da Renascença francesa. Cox afirma que Gournay explora a possibilidade de adentrar em uma esfera literária dominada por figuras masculinas, como uma ousada amazona conquistando o território predominantemente masculino das traduções virgilianas. Cox comenta ainda sobre o impacto de tal tradução e a ousadia de Gournay em se empenhar pela igualdade de gênero em um contexto literário alheio a essas questões.

Susanna Braund examina as principais traduções americanas em verso da *Eneida* no ensaio *Virgil after Vietnam*. Braund trata de debates acerca de Virgílio e sua relação com a guerra, associando

a temática ao contexto da Guerra do Vietnã. A autora parte do conceito de humanidade em Virgílio para traçar seu raciocínio, analisando as escolhas de cada tradutor. Braund pondera sobre a justificação do imperialismo posterior à Guerra do Vietnã nessas traduções, questionando manifestações sexistas na recepção das traduções feitas por mulheres, como a de Ruden (2008). Por último, a autora aponta diferenças nas vozes dos tradutores e suas perspectivas individuais explicitadas nas propostas tradutórias.

Afastando-se do cenário americano, Geoffrey Greatrex examina as traduções desenvolvidas na língua de Zamenhof. Em *Translations of Virgil into Esperanto*, ele argumenta que essas traduções foram concebidas com o objetivo de estimular uma literatura nesse idioma artificial e, assim, legitimar o esperanto enquanto língua literária. Greatrex trata das facetas envolvidas nas traduções e dos desafios enfrentados na tarefa de comprimir a métrica virgiliana nessas traduções, finalizando a discussão com uma análise dos primeiros versos das traduções de Vallienne (1906), Kalocsay (1981) e Berveling (1998) da *Eneida 4*, todas em esperanto, e realçando, por fim, a influência de Virgílio na literatura em esperanto para obtenção de capital cultural. Em consonância com Greatrex, Michael Paschalis explora a temática capital cultural nas traduções de Virgílio para o grego antigo no ensaio *Translations of Virgil into Ancient Greek*. O autor delinea a recepção do poeta romano em traduções gregas, investigando técnicas de tradução, audiência e adaptações, explorando traduções a partir da Antiguidade Tardia até a Grécia do século XIX. Paschalis examina ainda as traduções e recepção das *Geórgicas* e da *Eneida* de Eugenios Voulgaris, que são as primeiras traduções completas de Virgílio para o grego antigo.

O grego e a tradução de Voulgaris são o foco do décimo capítulo escrito por Sophia Papaioannou. Em *Sing It Like Homer: Eugenios Voulgaris's Translation of the Aeneid*, a autora faz uma investigação criteriosa da *Eneida* traduzida por Voulgaris como resposta à solicitação da czarina russa, considerando as motivações do tradu-

tor na escolha da obra, assim como escolha de grego homérico em vez de uma variante contemporânea. Papaioannou aponta justificativas pedagógicas que validam a predileção do tradutor por essa língua ‘artificial’ e ressalta que seus objetivos seriam educacionais, e promove uma discussão acerca da apropriação cultural.

No ensaio *Farming for the Few: Jožef Šubic’s Georgics and the Early Slovenian Reception of Virgil*, Marko Marinčič discute a tradução de Jožef Šubic das *Geórgicas* (1863) para o esloveno, primeira tradução completa para essa língua de uma obra clássica latina, acentuando os desafios enfrentados pelo tradutor na versificação. Marinčič discorre sobre a recepção dessa tradução na esfera literária e no contexto do nacionalismo agrário vigente, evidenciando a importância da tradução de Šubic e sua tentativa de elevação da língua eslovena para um patamar mais literário e menos marginalizado. Em confluência com este debate, Skoie (capítulo 13) considera a influência da poesia pastoral nas traduções norueguesas de Virgílio e a importância do poeta romano na definição de uma identidade cultural e ideológica.

Subsequentemente, Ekin Öyken e Çiğdem Dürüşken investigam a presença de textos virgilianos em língua turca em *Reviving Virgil in Turkish*, fugindo um pouco do eixo europeu. Os autores refletem sobre a exiguidade de traduções virgilianas na história literária turca, apontando para a influência da cultura francesa na recepção turca como uma das possíveis causas, já que a cultura clássica grega e romana era inserida nesse contexto através de traduções e adaptações para o francês. Öyken & Dürüşken afirmam que registros de traduções turcas de Virgílio são datados, tardiamente, a partir do século XX – as *Éclogas* traduzidas por Ruşen Eşref (1928) são a primeira tradução completa de Virgílio em turco, seguidas pela tradução da *Eneida* de Ahmed Reşit (1935-36) – e trazem uma reflexão acerca das estratégias de tradução e dos traços de domesticação e estrangeirização nesses trabalhos. Öyken & Dürüşken oferecem uma visão geral sobre um sistema literário e cultural notavelmente

diferente dos demais, deixando em aberto questões relativas ao valor literário e cultural de Virgílio no contexto turco. Assim como Öyken & Dürüşken, Mathilde Skoie também traz à discussão as categorias de domesticação e estrangeirização de Venuti. Em *Finding a Pastoral Idiom: Norwegian Translations of Virgil's Eclogues and the Politics of Language*, Skoie faz um exame de traduções da *Écloga 4* de Virgílio para o norueguês, tendo como base analítica as traduções de Sørensen (1950), Danielsen, Frihagen, & Gustafson (1975), e Wiik (2016). Essas três gerações, com variações distintas da língua, propõem-se a traduzir a poesia pastoral virgiliana, resultando, por sua vez, em perspectivas e estratégias divergentes. A autora discute também a questão idiomática e sua relação com o sentimento de identidade norueguesa, a sobreposição de vozes rurais e urbanas no âmbito político, explorando as noções de idioma e variação dialetal presentes no contexto em estudo.

A seguir, Séverine Clément-Tarantino explora o sistema literário francês. Traduzida por Gillian Glass e Susanna Braund, a autora debate acerca de Virgílio e sua criação poética traduzida para o francês em *The Aeneid and 'Les Belles Lettres': Virgil's Epic in French between Fiction and Philology, from Veyne back to Perret*. Com base nas traduções francesas de Paul Veyne (2012) e Jacques Perret (1959) da *Eneida*, Clément-Tarantino compõe sua criteriosa análise, refletindo sobre obscuridade, fluidez e clareza nas traduções, explorando aspectos de epicidade e filologia, e contrastando as pretensões dos tradutores nas suas propostas tradutórias.

Encerrando a primeira parte do compêndio, o décimo quinto capítulo nos transporta para o contexto literário ainda pouco explorado da China. O ensaio *Virgil in Chinese* apresenta as reflexões de Jinyu Liu acerca da repercussão virgiliana no cenário literário chinês, abordando a relevância literária e cultural do poeta romano em contextos não-ocidentais. Liu discute o fenômeno da tradução de Virgílio e suas questões estilísticas e semânticas, e reflete sobre os desafios envolvidos na tradução do poeta para o chinês e a questão

da ‘traduzibilidade’ de sua poesia. Ademais, Liu atenta para a limitação de traduções de Virgílio na literatura chinesa, examinando as motivações, estratégias e perspectivas adotadas.

A segunda parte do volume intitulada *Poets as Translators of Virgil: Cultural Competition, Appropriation, and Identification* tem como foco os poetas enquanto protagonistas nas traduções de Virgílio, concentrando-se naqueles que viram no autor romano uma fonte de inspiração e/ou legitimação de seus cânones literários. Parte dos textos dessa seção abordam os desafios dos tradutores em manter as características formais nas traduções virgilianas, ao mesmo tempo que conservam a significação dos originais. Questões referentes aos aspectos de domesticação na tradução (Thomas, Eigler, O’Hogan), e identificação com o poeta Virgílio (Gautier, Scafoglio, Vasconcellos) são também discutidas. Os capítulos convergem entre si, complementam-se e enriquecem uma discussão necessária, e nem sempre explorada, relacionada à figura do tradutor, às suas escolhas e concepções que determinam o produto de um processo tradutório.

Richard F. Thomas introduz essa segunda parte com seu complexo ensaio *Domesticating Aesthetic Effects: Virgilian Case Studies*. O autor trata de questões referentes às traduções poéticas, concentrando-se nas equivalências estéticas dos recursos utilizados por Virgílio nas propostas de tradução domesticadora. Com base em traduções como as de Dryden, Day-Lewis, Lee e Ferry, Thomas explora fenômenos estéticos, linguísticos e de métrica poética virgiliana, analisando a significância da domesticação para a tradução poética atual.

Na sequência, Hélène Gautier expõe seus questionamentos no ensaio *Du Bellay’s L’Énéide: Rewriting as Poetic Reinvention?* Traduzida por Liza Bolen e Susanna Braund, Gautier estabelece sua investigação a partir da tradução da *Eneida* de Du Bellay (1550s). A autora põe em perspectiva a concepção de adequação na tradu-

ção, o fenômeno da tradução na França renascentista e a evolução da poética e da língua francesa. Gautier discorre também sobre os mecanismos de Du Bellay no seu projeto poético a fim de atingir sua meta tradutória, analisando métodos de “naturalização” e adaptação de Virgílio através da equivalência.

Stephen Scully, por sua vez, analisa um dos mais relevantes nomes da tradução clássica. Em *Aesthetic and Political Concerns in Dryden's Aeneis*, ele manifesta o pensamento de Dryden quanto à poética e política de Virgílio. Através do exame da *Eneida* (1697), Scully reflete sobre a correlação entre o contexto político de Virgílio e a Inglaterra de Dryden, destacando a relação do tradutor com o poeta traduzido e suas motivações ao inserir a voz virgiliana no contexto literário e cultural britânico.

Em seguida, Marco Romani Mistretta discute sobre as *Geórgicas* sob a perspectiva de Delille, poeta francês de grande significância para *le poème de la nature*. No ensaio *Translation Theory into Practice: Jacques Delille's Géorgiques de Virgile*, Mistretta relaciona as tradições agrícolas da França e da Roma agostiniana de Virgílio. O autor põe em evidência Delille enquanto teórico da tradução, analisando sua relação com conceitos de compensação e poética da tradução. Por fim, Mistretta aborda questões de domesticação e reelaboração imagética da poesia virgiliana na tradução de Delille, assim como influências da fisiocracia na França do século XVIII e o vínculo acentuado entre a poesia pastoral de Delille e a poética de Virgílio. Com efeito, a poética da tradução ganha relevo especial na segunda parte deste livro. Assim, no vigésimo capítulo, Giampiero Scafoglio reflete a mesma temática. Em ‘*Only a Poet Can Translate True Poetry*’: *The Translation of Aeneid 2 by Giacomo Leopardi*, ele examina uma das questões mais elementares na prática da tradução: ‘É necessário ser poeta para traduzir poesia?’. Scafoglio debate sobre a *Eneida 2* de Leopardi, e retrata a sua relação com a poesia virgiliana e seus métodos de tradução, sublinhando a relevância de seu lado poeta no

processo tradutório e sua preocupação com o “traduzir poético” na sua tradução de Virgílio.

Philip Hardie, por seu lado, reflete acerca do trabalho desenvolvido por Wordsworth em seu ensaio *Wordsworth's Translation of Aeneid 1-3 and the Earlier Tradition of English Translations of Virgil*. Ele indaga os elementos motivadores da *Eneida* de Wordsworth e sua postura ante a tradição de traduções para o inglês do poema, além de atestar sua importância na história da poesia inglesa. Hardie pontua, por fim, a excelência de Wordsworth na sua tradução em termos de domesticação e estrangeirização, destacando sua relevância para a história da recepção virgiliana.

De encontro à conjuntura de Papaioannou, somos conduzidos ao contexto literário russo por Zara Martirosova Torlone, que centraliza seu estudo na desolação troiana da *Eneida*. Em *Epic Failures: Vasilii Zhukovskii's 'Destruction of Troy' and Russian Translations of the Aeneid*, ela aborda a pouca popularidade de Virgílio no cenário literário russo e a escassez de traduções canônicas para o russo da *Eneida*. A autora traça uma trajetória das traduções de Virgílio em russo, destacando o êxito de Vasilii Zhukovskii na sua tradução da *Eneida 2* (1823). A autora atribui o acerto ao trabalho de Zhukovskii em relação aos tantos insucessos na história da tradução russa, como os de Fet (1888) e Briusov (1933). Para Torlone, Zhukovskii alcançou o que outros tradutores russos jamais conseguiram, pois ele “desmistificou” o texto estrangeiro e transmitiu a própria estranheza da composição, sem artifícios de alienação na sua tradução.

Efetivamente, o volume cumpre seu papel de diversificação cultural, pois visita traduções de culturas consideradas centrais sem negligenciar as culturas consideradas periféricas. Assim, o ensaio de Paulo Sérgio de Vasconcellos, traduzido por Liza Bolen, trata da influência virgiliana na história e literatura brasileira. Em *Virgílio Brasileiro: A Brazilian Virgil in the Nineteenth Century*, Vascon-

cellos apresenta *Virgílio Brasileiro*, uma tradução idiossincrática de Manuel Odorico Mendes que incluem a *Eneida*, as *Geórgicas* e as *Éclogas* virgilianas. Como Leopardi, Mendes acredita na excelência dos verdadeiros poetas na interpretação da poesia virgiliana. Vasconcellos enfatiza a preocupação do poeta brasileiro em assimilar os clássicos, e expõe características peculiares da tradução de Mendes, como a “estranheza” e vocabulário rebuscado. O autor discute aspectos de emulação, apropriação e transcrição e, à semelhança de Mistretta e Scafoglio, levanta questionamentos sobre a identidade poética na tradução.

Na sequência, Ulrich Eigler discorre sobre traduções da *Eneida* em alemão em *Between Voß and Schröder: German Translations of Virgil's Aeneid*. Eigler explora diligentemente as traduções de Voß e Schröder, geralmente reconhecidas como obras-primas alemãs. O autor destaca elementos relevantes no trabalho dos tradutores, como a tradução próxima ao original, além de fazer um exame acurado das traduções e constatar o forte papel virgiliano na literatura alemã. Ademais, Eigler avalia a parceria estética de Voß e Goethe e sua contribuição para a poesia alemã, a reprimatização de Schröder e a repercussão dessas traduções de Virgílio no contexto literário alemão. Curiosamente, a contribuição de Eigler não se limita à conjuntura alemã, uma vez que, em um segundo ensaio, o autor explora também o contexto poético do italiano Pasolini.

Direcionando o leitor para duas traduções do francês, o vigésimo quinto capítulo compreende o debate de Jacqueline Fabre-Serris, traduzido por Liza Bolen e Susanna Braund. Intitulado *Reflections on Two Verse Translations of the Eclogues in the Twentieth Century: Paul Valéry and Marcel Pagnol*, o trabalho aborda as divergências entre as traduções francesas de Valéry (1956) e Pagnol (1958). Fabre-Serris discute o posicionamento de cada tradutor com relação a Virgílio, à poesia bucólica e à própria língua latina, enfatizando suas distintas motivações e suas reflexões sobre o processo de tradução. Por fim, Fabre-Serris compara essas traduções

à de Saint-Denis (1942), versão em prosa das *Éclogas*, explicitando sua preferência por esta.

Ulrich Eigler retoma a discussão no ensaio *Come tradurre? Pier Paolo Pasolini and the Tradition of Italian Translations of Virgil's Aeneid*. Eigler aborda questões pertinentes ao *come tradurre*, questão levantada por Pasolini quanto à língua mais apropriada para a tradução virgiliana. Eigler discute as traduções de Virgílio mais relevantes no contexto literário italiano do século XX, evidenciando o papel desempenhado pelo poeta clássico no cenário político e cultural, bem como na unificação da Itália. A questão da identidade linguística, impulsionada pela iconicidade cultural virgiliana é também contemplada na reflexão do autor. Assim, Eigler destaca que Pasolini favorece sua própria herança linguística e seu universo poético em detrimento das escolhas da tradição tradutória vigente. Finalmente, Eigler aponta o projeto tradutório de Sermonetti (2007) e sua *Eneida* pós-moderna, combinação do italiano de hoje e da tradição da língua de Dante, tratando da repercussão da obra no âmbito literário da Itália.

O penúltimo capítulo deste compêndio nos aproxima do universo da tradução irlandesa e dialoga com o trabalho de Skoie, já discutido. *Irish Versions of Virgil's Eclogues and Georgics* é apresentado por Cillian O'Hogan e atesta a influência de Virgílio na definição da cultura e nação. O autor desenvolve um debate acerca da cultura irlandesa do final do século XX, sua necessidade em se dissociar da cultura britânica, e a relevância de Virgílio para esse processo emancipatório. Com base nas traduções irlandesas de Seamus Heaney (*Virgil: Eclogue IX*) e Peter Fallon (*The Georgics of Virgil*), O'Hogan trata da influência da poesia pastoral irlandesa e do hiberno-inglês para o estabelecimento de uma tradição clássica alternativa, separada da tradição literária britânica, e para a concepção de um estilo irlandês próprio de recepção clássica. Por fim, o autor realça a intenção “localizadora” e “domesticadora” dos poetas nas suas escolhas tradutórias ao inserirem Virgílio no cenário rural ir-

landês. Tais escolhas distanciam suas versões do contexto literário inglês, numa atitude que O'Hogan nomeia como 'anticolonial', por induzir o apagamento da herança literária britânica.

O capítulo final, traduzido por Jelena Todorovic e Susanna Braund, concentra-se na trajetória do tradutor da épica virgiliana. O ensaio *Limiting Our Losses: A Translator's Journey through the Aeneid* apresenta as percepções de Alessandro Fo, poeta e tradutor italiano contemporâneo, acerca do seu percurso no processo de tradução da *Eneida*. Fo retrata sua prática tradutória, evidenciando as incertezas e realçando os desafios em reproduzir a poesia épica virgiliana de forma precisa. Fo procura demonstrar as peculiaridades estilísticas de Virgílio e conservar o aspecto de "estrangeirização" do poema em sua tradução. O poeta ressalta que seu objetivo final é manter a fidelidade semântica, formal e técnica de Virgílio, mas salienta que o sentimento de perda no ato de traduzir é um fenômeno inevitável. Ele afirma que a tradução "é uma batalha perdida", restando ao tradutor apenas limitar as perdas, principalmente em se tratando de Virgílio, o *degli altri poeti onore e lume*, como atesta Dante.

Finalmente, arrematando as criteriosas e proveitosas discussões deste volume, Josephine Balmer traça um esboço de perspectivas para o futuro da tradução virgiliana. Ao refletir sobre as transformações poéticas de Virgílio, sua mensagem para os futuros tradutores de Virgílio é clara: *Let Go Fear*. Balmer aponta nesse posfácio o que ela nomeia "feminização" da recepção virgiliana, ponderando sobre a voz feminina a se tornar frequente nos estudos virgilianos, a exemplo da aclamada *Eneida* de Ruden (2008).

Em síntese, esta obra consegue apresentar um amplo e inventivo acervo de trabalhos caros aos Estudos da Tradução e a qualquer pesquisador de Virgílio. Desde os estudos mais alinhados ao papel cultural e ideológico das traduções de Virgílio, até a figura do tradutor e sua associação ao poeta romano, o volume apresenta diversas vozes, com perspectivas e concepções instigantes.

A diversidade cultural, as distintas convicções e estratégias aqui compartilhadas marcam a heterogeneidade e, ao mesmo tempo, a unidade deste volume. Como Braund & Torlone asseguram, a investigação da hermenêutica ideológica aplicada à recepção garante a expressividade da obra, dada a originalidade de um volume voltado ao estudo das traduções virgilianas como um fenômeno cultural e ideológico, de âmbito nacional e transnacional.

Referências

Braund, Susanna; Torlone, Zara Martirosova (Ed.). *Virgil and his Translators*. New York: Oxford University Press, 2018, 544 p.

Recebido em: 04/08/2020

Aceito em: 23/11/2020

Publicado em janeiro de 2021

Edna C. Silva. E-mail: celim.edna58@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5160-8169>.